

# Comunità Italiana

Rio de Janeiro, março de 2014

Ano XX - Nº 188



## anos entre Brasil e Itália

Os fatos que marcam duas décadas de jornalismo  
a serviço de duas nações que se complementam

ISSN 1676-3220 € 9,00 R\$ 14,90







# Comunità: duas décadas de um retrato mutante e multifacetado

Revista completa 20 anos de existência  
como líder em seu segmento editorial

**Giuseppe Bizzarri** é jornalista multimídia, nasceu em Roma e vive no Brasil há 20 anos. Formado em Letras pela La Sapienza de Roma, colaborou com *Gazeta Mercantil*, *Isto é* e *Caros Amigos*. Atualmente escreve para *Il Fatto Quotidiano* e *L'Espresso*, além de outros jornais da Itália e da Suíça. No ano 2000, ganhou o prêmio Zapping de jornalismo com o reportagem *Prisões brasileiras no inferno dos vivos*, publicada pela revista semanal *Avvenimenti*

“**Q**uem acha doce a terra natal ainda é um tenro principiante; aquele para quem toda terra é natal, já é forte; mas é perfeito aquele para quem o mundo inteiro é um lugar estrangeiro. A alma tenra fixou seu amor num único ponto do mundo; a pessoa forte estendeu seu amor a todos os lugares; o homem perfeito extinguiu o seu”. “Estender o amor” é algo importante para Hugo de Saint Victor, o monge do século XII, autor da frase cosmopolita e mística que abre os olhos sobre identidades e transformações culturais de um povo.

Se redações de jornais e revistas fecham no mercado editorial brasileiro e mundial, hoje **Comunità** celebra 20 anos de vida. Criada em 1994, quando o editor Pietro Petraglia, filho de imigrantes de Salerno, era um rapaz no terceiro ano do ensino médio, que decidiu fazer de um pequeno jornal um projeto de vida dedicado à comunidade ítalo-brasileira e à difusão de notícias sobre as relações entre dois países, a revista ganhou um próprio espaço, graças ao esforço de uma redação constituída de brasileiros e italianos. O projeto editorial acompanhou a evolução da tecnologia ao longo de duas décadas e hoje a revista, entre outros aspectos, está presente também em mídias digitais, no Google Play ou App Store. Nas páginas impressas ou

em telas led, estampa um microcosmo de culturas, onde algo se move e se encontra todos os dias no trabalho para publicar uma revista que aborda livremente todos os assuntos.

O encontro entre culturas, apesar de ter acontecido muitas vezes de maneira dolorosa, representa o destino e a história deste país. A cultura é viva, interconectada e em perene transformação, como a vida é. **Comunità** não publica só artigos ou reportagens: promove algo desafiante no maravilhoso caleidoscópio cultural do Brasil. Com suas reportagens, mede uma relação cultural entre dois povos. Sem dúvida, os italianos dão algo importante para os brasileiros e eles generosamente dão muito para os irmãos que vieram do Mediterrâneo. Não se trata só de economia, commodity, finança, boom econômico, mas de vida. Os expatriados italianos contribuíram para a formação da cultura brasileira. Os emigrantes que vieram para o país encontraram outros povos, muitos deles oprimidos, como índios e africanos. Muitos foram trazidos sem desejá-los, mas com algo em comum, como o banzo dos italianos e a alma ainda na própria terra. Foi um custo dramático pago por gerações de vidas humanas que contribuíram para a formação de uma cultura peculiar como é hoje a brasileira.

Parafraseando Ida Magli, escritora e antropóloga italiana, as culturas “ou se



transformam ou morrem”. Não existe regressão, mas só um movimento de transformação que abre novos caminhos para ter aquele algo com quem a cultura fique viva. Um dia acordamos e nos sentimos diferentes. Mudados. Isso acontece também na alma de um povo. Mudanças que nos dão medo, mas, uma vez tornadas conscientes, indicam as coordenadas para um novo caminho no desconhecido espaço cênico da vida. **Comunità** contribui com um papel analítico e de conscientização histórica que nós vivemos no Brasil, na Itália e no mundo. As mudanças são constantes dentro de uma cultura rica como a brasileira. São movimentos sócio-culturais que precisam de atenção e divulgação. Os redatores da revista fazem isso há vinte anos. Não se trata só de fatos publicados, mas de algo que mantém viva a amizade entre duas culturas. Apesar do tormento daqueles que buscam no mundo um espaço livre para viver, a vida não muda em nenhum lugar do planeta. Não pode mudar. Os indivíduos, as pessoas, um povo, pode e têm o direito de mudar eles próprios. A importância da comunicação é algo importante neste mecanismo pelo respeito das novas tendências culturais que estão nascendo, mas ainda não conscientes num povo. É importante que sejam abertos novos horizontes para alcançar soluções impensáveis para poder viver em harmonia com todos e tudo. No futuro, precisamos mais do que nunca de uma cultura que humanize mais a sociedade sem torná-la um simples balanço econômico.

Brasileiros e italianos. Velho e Novo Mundo. Duas preciosas polaridades que, se trabalharem juntos, e não em oposição, poderão contribuir para dar consciência naquelas mudanças que estão no ar. A polaridade dos opostos é inevitável. O diálogo, a comunicação e aceitação das diferenças humanas, porém, são elementos essenciais para fazer sim com que os opostos não se enfrentem, mas se unam para criar desenvolvimento harmônico. Neste diálogo, a mídia eficaz, como **Comunità Italiana**, tem um papel fundamental para executar e promovê-lo, essencial para a consolidação da democracia. A liberdade, e não só aquela de expressão, é um bem irrenunciável — seja para o indivíduo, seja para o povo — sobretudo para quem quer se conhecer na alma. A viagem de busca do imigrante termina sempre o seu percurso no mesmo lugar de sempre, ou seja, dentro dele mesmo. Isso acontece para todos, inclusive para aqueles que nunca saíram do lugar.

**Comunità** age como um mensageiro, um afro-romano Mercúrio-Exu que corre rápido para levar

mensagens vindas de longe para os homens que buscam a vida e querem se conhecer. Mensagens que alcançam também o subconsciente dos filhos dos imigrantes, que continuam sentindo algo em comum. Este é o sentimento de irmandade que une povos. Uma cultura é, porém, também um ego, mas coletivo. Como o ego individual, o coletivo quer se expressar incessantemente com mente e pensamentos. Mas só pensando com o coração será possível ter uma cultura criativa e harmônica. “Estender o amor”, dizia o monge. Uma frase bonita que poderia parecer um clichê utópico. Não é assim. As culturas, como os homens, tem carências sim, de amor, sobretudo daquele construtivo, ligado à solidariedade pela vida entre povos. Transcender as dificuldades é algo que acomuna todos os homens do planeta e não só brasileiros e italianos. As culturas não podem ser rígidas e egoísticas, pois seriam contrárias mesmo com o eterno princípio da impermanência da vida. O brasileiro foi sempre generoso com o uso do próprio idioma, usado por milhões de estrangeiros que vieram para o Brasil.

A língua é a essência simbólica da expressão de uma

cultura. Se foi o tupi-guarani o idioma mais falado entre conquistadores e índios no Brasil, conforme afirma o iluminado antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, foram porém os escravos separados das próprias etnias que usaram o português para se comunicar em um mundo de desconhecidos. Com a escravidão, virou a língua mais falada no Brasil e, mais tarde, com a abolição, foi o idioma usado pelos expatriados. Eles começaram a usá-lo como fizeram os escravos, contribuindo para o nascimento da bela língua brasileira. A cada dia, usamos palavras

## Comunità não publica só artigos ou reportagens: promove algo desafiante no maravilhoso caleidoscópio cultural do Brasil

que representam simbologias de culturas sedimentadas na alma dos povos. Não são só palavras, mas fórmulas mágicas que evocam consciências alcançadas através de gerações de vidas humanas. São símbolos de culturas remotas que ainda vivem no dia-a-dia de todos. Graças às palavras, as mudanças alcançam o Velho Mundo, onde também é preciso mudar. A busca da essência da própria identidade é comum no inconsciente coletivo de brasileiros e italianos, expatriados e radicados. A cultura brasileira é uma das mais vivas e dinâmicas do planeta. Isso talvez porque na própria alma vive o sincretismo cultural. Os africanos o usavam para adorar livremente os próprios orixás, apesar de parecerem devotos de uma outra fé. O encontro entre culturas e o sincretismo, apesar de muitas vezes doloroso, gerou algo de lindo que é a cultura deste país, divulgada por **Comunità** que, simplesmente, hoje celebra duas décadas de vida. 🌍

# Os Urani e a revolução Fiat

A história da fundação da empresa automobilística no Brasil se confunde com a da família vinda de Turim nos 1960, que continua deixando suas marcas no país até hoje

GIUSEPPE BIZZARRI

A descida se faz mais íngreme e a liberdade que me acompanhou percorrendo de carro a floresta desde Santa Teresa até o povoado da Vila das Canoas foi substituída pelos pensamentos e uma remota lembrança de onde fosse a linda casa de Franco e Giuliana no Rio de Janeiro. Pego a esquerda na única rua que sai da estrada, antes que ela chegue em São Conrado. Reconheço a casa. Estaciono o carro e logo depois toco a campainha do portão que escuto junto com os gritos de muitas crianças que me deixam pensar que naquele lugar nada mudou. Franco e Giuliana — o senhoril, simples e amado casal que vieram de Turim, não moram mais aqui. Deixaram quase contemporaneamente a vida, como quando vieram pela primeira vez em 1964 no Brasil, onde Franco Urani, mas também Giuliana, deram energia não só para fundar “Para ti”, a ONG para crianças carentes da favela da Vila das Canoas, mas também para a chegada ao Brasil de uma das fábricas de automóveis mais conhecidas do mundo: a Fiat.

A porta não abre e na minha mente voltam as declarações da entrevista que deu dias antes o professor engenheiro Antônio Jorge Martins (coordenador do MBA em Gestão Estratégica de Empresas da Cadeia Automotiva com Ênfase: Concessionárias, oferecido pela FGV Management São Paulo), o qual disse que “a chegada da Fiat ao Brasil” foi um dos principais marcos da indústria automobilística brasileira, pois teve em “vista a descentralização industrial no país” (altamente concentrada na região do ABC) e quebrou o “paradigma ditada pelas três grandes montadoras que até então atuavam no mercado brasileiro durante longos anos”.

A porta se abre de repente e a casa onde Franco e Giuliana moravam fica à mostra.

— Você é a Lidia? — pergunto à mulher que se aproximava pronta para sair ao lado da empregada que abriu o portão.

— Sim sou eu. Sou o repórter de **Comunità Italiana** — digo, apresentando-me.

— Ah, você é Giuseppe! É verdade! Nós marcamos a entrevista para hoje! — responde em italiano Lidia

Urani, filha de Franco e Giuliana. Lidia sobreviveu a dias difíceis, em poucos anos perdeu o pai, depois a mãe Giuliana, a qual não aguentou a dor pela morte do marido e, enfim, André, seu único irmão. Todos desencarnados pela mesma doença — o câncer.

Lidia desistiu logo de sair e me levou à sala, com lindos móveis, objetos coletados pelo Brasil e pelo mundo, um maravilhoso parque e grandes janelas que deixam entrar em casa a permanente visão da mata.

— Você então conheceu os meus pais — me pergunta ela, próxima ao escritor e fotógrafo Mauro Villone, seu companheiro. Entre nós há uma linda roda antiga de madeira trazida de Minas Gerais pelos pais da Lidia.



Na Casa Urani, em São Conrado, no Rio, Lidia Urani conta a história do seu pai, falecido em 2009, Franco Urani, diretor que implantou a Fiat Automóveis no Brasil nos anos 1970

— Se esta roda pudesse falar — exclama com saudade.

Acima, entre belos livros, dois me chamam atenção: o primeiro, do genial Bruno Munari, editado pela Zanichelli, *Il laboratorio di Lidia Urani a Rio de Janeiro*, escrito pela própria, mas é o segundo que atrai fortemente a minha atenção, um escrito datilografado, com capa artesanal com o nome de Franco Urani.

— É a autobiografia do meu pai, escrita quando ele sentiu a morte se aproximando — responde, antecipando a minha pergunta, a qual acrescenta que, entre setembro e outubro deste ano, *Uma revolução possível* será publicado pela editora italiana Effatà. O livro não é só uma autobiografia do autor, mas também conta a história do começo da Fiat no Brasil, narrada junto com aquela da família Urani e de amigos que ajudaram a realizar sonhos; enfim, mostra que, por trás do sucesso de grandes empreendimentos, não existem só capitais e planejamentos econômicos, mas, sobretudo, seres humanos, indivíduos com trajetórias de vidas.

A autobiografia de Urani é um documento, pois, além de contar um pedaço da história moderna da Itália e do Brasil, revela fatos inéditos sobre como aconteceu a operação Fiat no Brasil. Se esta fábrica representa hoje cerca de 30% da produção do mundo e o Brasil sedia a maior fábrica de automóveis do grupo, foi também graças ao espírito visionário deste homem que desde jovem procurava na vida sempre algo de novo.



“Quando se fala em Urani, em qualquer lugar você irá descobrir algo de novo”, profetizou o professor de entomologia agrária da Universidade de Turim, Athos Goidanich, para Franco, quando ele revelou para o acadêmico o fim da sua carreira científica para ir trabalhar em curso Marconi na Fiat.

— Viemos de navio em 1964. Eu tinha dois anos e meu pai, agrônomo, foi enviado pela empresa no Brasil. Lembro que, no começo, levava a gente nas suas viagens pelo Brasil. Eram viagens incríveis, rodadas em estradas de terra, onde frequentemente atolávamos na lama ou na areia — conta Lidia, lembrando aquela época remota, quando o pai, de 34 anos, foi enviado pela Fiat para vender tratores no remoto Brasil.

O governador mineiro na época, Pacheco Rondon, conta à **Comunità** seus primeiros contatos com os Agnelli e os Urani:

— Ainda não tinha encontrado pessoalmente Franco Urani. Eu o conhecia de fama por causa da sua competência e eficiência. Queria que a Fiat viesse para o Brasil, pois isso teria levado a industrialização no estado mineiro, onde precisava desenvolver este setor. No começo, falei pessoalmente com Gianni Agnelli, grande amigo de Juscelino Kubitschek, mas ele respondeu que, apesar de querer levar a empresa há muito tempo para o Brasil, achava que o mercado automotivo estava saturado no país. Mas não desisti do projeto. Contatei Urani, o qual trabalhava já em tratores com a Fiat. Trabalhamos juntos até conseguir realizar o projeto — explica Pacheco Rondon, hoje com 94 anos, o qual ficou ligado de profunda amizade com Urani até sua morte. Lidia afirma que a ideia de levar a Fiat para Minas, e não só para o Brasil, foi, na realidade, de seu pai.

Franco Urani escreve em sua autobiografia que, “em última análise, Minas Gerais era um estado de boa agricultura e pecuária e já com um parque industrial e de mineração significativo, embora desprovido de indústria mecânica de uma determinada magnitude. A partir dos muitos contatos que teve para o fornecimento de tratores, apreciei muito o trabalho, a honestidade e precisão dos mineiros, um pouco desconfiados como

**“(...)apreciei muito o trabalho, a honestidade e precisão dos mineiros, um pouco desconfiados como os nossos *montanari*, mas depois eles viram amigos e eu, *piemontese*, me entendia bem com eles”**

Franco Urani em sua autobiografia





os nossos *montanari*, mas depois eles viram amigos e eu, *piemontese*, me entendia bem com eles”.

Mais importante do quem teve a ideia é a amizade ítalo-brasileira de dois homens e duas culturas que amavam as montanhas e conseguiram atingir o sucesso. Em 1973, foi assinado o “Acordo de Comunhão de Interesses” para a implantação de uma indústria automobilística em Betim, em Minas Gerais. Pela Fiat, foi o próprio Gianni Agnelli, o mesmo que achava que o mercado brasileiro de automóveis era saturado, que assinou o acordo. Três anos depois da assinatura, em 9 de julho de 1976, a fábrica foi inaugurada, sempre com a presença de Agnelli e do então presidente Ernesto Geisel. A Fiat entrou no Brasil em plena ditadura militar. Em 1966, também instalou uma fábrica na União Soviética, onde fundou a cadeia de montagem da Lada-Vaz, que multiplicou por quatro a produção de carros durante o regime comunista.

— A atividade industrial sempre é bem-vinda em qualquer região do Brasil e mesmo do mundo. A empregabilidade direta e indireta é um dos principais trunfos, além da perspectiva de crescimento da receita do estado e município. A chegada da Fiat em Betim transformou completamente a cidade e a economia do estado. A cadeia metalmeccânica, vocação econômica da região desde o século XVIII, foi devidamente complementada. Foi uma demonstração da força política do então governador do estado, que, não por acaso, seria escolhido logo depois para vice-presidente da República, no esteio da transição e da abertura política em nosso país — afirma o engenheiro Antônio Jorge Martins.



### O adeus à direção da Fiat não significou adeus ao Brasil

Urani deixou a Fiat em 1979 e o fez um “pouco desiludido pelas escolhas da empresa”, segundo um artigo de Luciano Borghesan publicado no *La Stampa*.

— Talvez o rápido sucesso que teve começou a preocupar alguém em corso Marconi, não é? — pergunta a Lidia.

— Sobretudo para Romiti, responde, instintivamente, Lidia.

Franco Urani descreve como recebeu a comunicação pela gerência da Fiat que ia ser removido do cargo de diretor no Brasil para ocupar o de diretor comercial da Fiat Veículos Industriais, ou seja, a Iveco:

“Estava em Diamantina, quando recebi inesperadamente um telefonema para ir imediatamente para Turim. Foi recebido pelo Dr. Romiti que, com bondade incomum, me levou para o diretor geral engenheiro Gioia, onde estava também o engenheiro Tufarelli. Gioia, sem qualquer preliminar, disse: ‘Ouça, meu caro Urani, decidimos mudar a cara no Brasil’”.

Urani — para a surpresa de todos — aceitou sem questionar o novo cargo, apesar, como ele mesmo escreve, de não ter nenhuma

experiência na matéria, mas algo estava já acontecendo em sua vida.

“Romiti me disse que o futuro dos caminhões era certamente melhor do que o de carros, mas não havia necessidade de me incentivar, porque eu sentia que a minha missão no Brasil tinha acabado, estava cansado de Minas Gerais, eu queria aprender coisas novas em outras partes do mundo”, narra em sua autobiografia *Urani*, transferido duas vezes do Brasil para a Itália.

— Foi ele quem ficou cansado. Foi uma decisão dele a de largar a Fiat para ficar no Brasil — afirma Mauro Villone.

Depois, o desgaste de muitos anos trabalhando nos projetos da Fiat, a vida do casal e dos filhos mudou muito, e para melhor.

— Voltei a ver meu pai — lembra Lidia, que não via o pai com frequência por causa do trabalho. O gentil alpinista voltou a ter tempo para ele mesmo e para a família. O casal não quis voltar para o país de origem. Eles amavam o Brasil e, como frequentemente acontece, a vida surpreende: para o casal que se conheceu em corso Marconi, na Fiat, o melhor estava para acontecer.

### O nascimento da Ong Para Ti

Depois de ter comprado a linda casa em São Conrado, o casal viu a pequena favela próxima à casa que tinha acabado de comprar se expandir chegando ao lado da moradia. Acostumado ao Brasil da elite, o empresário descobriu a pobreza das favelas. A alternativa era se mudar, mas Urani fez um caminho diferente, ou seja, ele resolveu comprar os barracos vizinhos, conseguiu ajuda de uma ONG, montou ali centros de atendimento para crianças carentes, arrumou US\$ 600 mil da União Europeia e transformou a vida dos moradores da Vila das Canoas. A vida deles mudou mais uma vez, mas, desta vez, numa direção totalmente imprevisível, que nunca poderiam imaginar.

— Meu pai morreu em Turim, mas minha mãe fez questão de acabar a vida no Brasil. O velório dela foi incrível. Era muita gente que vinha não só da Vila das Canoas, mas também da Rocinha, do Vidigal e de outros lugares. Resolvi abrir inteiramente a casa para deixar as pessoas entrarem. Os meus pais eram muito amados — lembra Lidia, que mantém viva até hoje, junto com Mauro, aquilo que, sem dúvida, foi o melhor projeto realizado pela família Urani no Brasil, a ong Para Ti.

No alto, Franco e Giuliana Urani, o casal italiano que fundou a ONG Para ti, para crianças carentes da favela da Vila das Canoas. Acima, Lidia, que com o companheiro Mauro Villone, dá continuidade ao projeto dos pais. Abaixo, o livro *Il laboratorio di Lidia Urani a Rio de Janeiro*

